

AS ÁGUAS DE MINAS: CRIANDO CIDADES E CURANDO DOENÇAS NO SÉCULO XIX

RITA DE CASSIA MARQUES¹

RAFAELA SIQUEIRA COSTA

Introdução

A riqueza mineral de Minas Gerais, especialmente o ouro foi o grande responsável pelo reconhecimento e riqueza do estado no século XVIII. Com a decadência da mineração no século XIX, o Estado passou a explorar recursos diversos, como a agricultura, pecuária e comércio. O século XIX é também o tempo de explorar uma outra riqueza mineral que trouxe prosperidade aos locais no entorno de suas fontes. A abundância das águas minerais descobertas no sul e sudoeste do estado, apresentavam, contudo, características bem diversas da exploração aurífera. As águas minerais tornam-se atraentes para pessoas em busca do alívio, tratamento e cura de suas doenças. Num contexto de poucos médicos, raros hospitais e o predomínio de terapêuticas domésticas, as águas milagrosas crescem de importância. Avalizadas pela classe médica, apoiada no avanço das pesquisas químicas que desvendam as muitas propriedades das águas, ganham classificações conforme suas características químicas e indicações terapêuticas. As águas minerais inauguram, além de um novo modo de tratar a saúde, um conjunto de novas cidades que se tornam conhecidas por serem estâncias hidrominerais que formam o conhecido circuito das águas, um pólo turístico importante do estado.

No século XIX a terminologia ligada às propriedades químicas torna-se freqüente e as águas milagrosas e virtuosas ficam mais conhecidas como águas minerais, sejam gasosas, ferrugosas, sulfurosas, etc.. A pesquisa realizada analisou os diversos tratamentos de doenças através do uso terapêutico das águas minerais da província de Minas. A metodologia do Projeto consistiu na análise documental primária

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em História. Agência CNPq e FAPEMIG
Universidade Federal de Minas Gerais(UFMG). Bolsista de Iniciação Científica. FAPEMIG

e secundária, de caráter oficial ou privado, que tratava da saúde em Minas no século XIX. Foram analisados documentos históricos do Arquivo Público Mineiro (APM), manuais de medicina, artigos e livros, referentes ao século XIX, que abordavam as indicações terapêuticas das águas minerais de cidades mineiras, como Caxambu, Cambuquira, Poços de Caldas, Araxá, Lambari, São Lourenço e Baependi. Foram encontrados também relatos de moradores destes municípios mineiros que após banhos e consumo das águas minerais foram curados de diversas doenças como reumatismo, sífilis, dermatites, cistites, tuberculose, pneumonia, feridas crônicas, asma e hemorragias. As propriedades curativas das águas minerais foram determinantes para as cidades onde elas foram encontradas, que tiveram de se preparar para receber as pessoas que chegavam a cidade em busca de cura. Sem hospitais ou edifícios públicos para atender a todos, proliferaram os hotéis e casas para alugar. Com as pesquisas realizadas foi possível observar também que, dentro deste contexto do século XIX, ocorreu uma maior emancipação do atendimento médico e a ampliação dos procedimentos terapêuticos na Província de Minas.

O estudo que se apresenta é um subprojeto do projeto **História da Saúde em Minas Gerais no século XIX**, que contou com o financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Este projeto surgiu do interesse de um grupo de pesquisadores da história da saúde em Minas Gerais, que detectaram uma enorme lacuna nos estudos sobre o tema no século XIX. O principal objetivo do projeto é a organização da assistência à saúde e às doenças na província de Minas Gerais, durante o período imperial (1822-1889). Engloba o estudo de diversas moléstias com sua sintomatologia, terapêuticas, curadores, além de identificar o seu caráter endêmico e epidêmico. Entre os diversos tratamentos de doenças utilizados chamou-nos a atenção o uso terapêutico das águas minerais, pois apresenta características diferentes do que se fazia no século XVIII e impulsionou uma série de empreendimentos que mudaram completamente os locais onde elas surgiam, nos séculos XIX e XX.

As águas virtuosas de Minas Gerais no século XVIII

A Primeira referência sobre às águas milagrosas de Minas Gerais aparece no século XVIII, relacionada com o fenômeno da Lagoa Santa. .

Felipe Rodrigues foi o primeiro morador a se estabelecer às margens da Lagoa em 1713, que por ele foi chamada de Lagoa Grande e que, posteriormente também ficou conhecida por Lagoa das Congonhas do Sabarabuçu, Lagoa das Minas, Lagoa do Sabará² e principalmente Lagoa Santa. A lagoa e suas propriedades curativas foi apresentada aos portugueses numa publicação de 1749, anônima, mas atribuída ao cirurgião João Cardoso de Miranda: *A Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas de Sabará*. Sobre as propriedades da Lagoa, diz Cardoso de Miranda em documento de 1752:

Por não ter encontrado na medicina remédio para o contumaz defluxo dos olhos, fui a Lagoa das Minas, com cujos banhos, pela bondade de Deus, recebi grande alívio, ou todo aquele que se pode esperar (...). E Vendo a desordem, com que naquela Lagoa se tomavam ditos banhos, e bebiam suas águas, fiz uma Relação, em que faço algumas insinuações para se poderem usar com utilidade dos enfermos, noticias de suas virtudes, e vias por onde expelem a causa das enfermidades: o que não só é útil para os enfermos, mas muito necessário e conveniente, para os Professores saberem retamente aplicá-las aos doentes. (MACLINE, BETRAN, 1995, p.207)

A Lagoa atraiu a atenção do médico italiano Antonio Cialli, residente em Sabará e que foi estudar os efeitos de suas águas milagrosas. Como um verdadeiro cientista, Cialli não se contentou com o simples relato das maravilhas da água, mas apoiado em suas conhecimentos de química, chegou em Lagoa Santa, no dia 19 de março de 1749 e foi o primeiro a fazer estudos químicos e terapêuticos daquelas águas, tendo demonstrado suas virtudes curativas, principalmente para as doenças de pele, tendo registrado seus estudos, no *Breve transumpto das notícias da Lagoa Grande, virtudes experimentadas em diversos achaques, cautelas necessárias para*

² Machiline, V.C. Beltran, M.H.R. Un relato del siglo XVIII sobre águas minerales. 1995, 206

o uso dos seus banhos. A novidade do trabalho científico do médico italiano pode ser acompanhado no relato a seguir:

A vista destes prodígios se resolveu o médico Cialli a vir examinar a dita lagoa trazendo consigo um livro, e também pós em uns papelzinhos, e chegando que foi a dita lagoa entrou a fazer experiência em um copo de água botando-lhe dentro o doutor pós, e logo no principio se foi fazendo a água parda, e continuando na sua operação por fim veio a ficar a dita água vermelha cor de vinho, e continuando mais vezes sempre sortiu o mesmo efeito, e depois desta diligencia feita, mandou buscar um copo de água em um córrego fora da lagoa, nesta botou os mesmos pós sem que sortisse nem um efeito, ficando a água no mesmo estado como se tinha tirado do córrego, e clara, e sem efeito dos ditos pós. (MACLINE, BETRAN, 1995, 217)

Com o estudo de Cialli registrando o que viu e o que experimentou cientificamente, a fama da Lagoa Santa cresceu e suas águas chegaram a ser exportadas para Portugal(MARQUES, 2007).

Novos relatos sobre as virtudes das águas de Minas

No século XIX, as águas minerais ganham destaque no mundo inteiro. O hábito antigo dos romanos de frequentar estâncias termais esteve em baixa por toda a idade média, mas renasceu com força nos séculos XVII e XVIII, em estâncias como Bourbon e Vichy na França e Bath na Inglaterra. Redutos da nobreza, as estâncias eram valorizadas por sua grande salubridade. No século XIX, a fama das boas águas era tanta que extrapolava os salões da nobreza, a classe média e até operários passavam a almejar uma passagem por elas. Segundo Corbin, em 1813, uma pequena aldeia chamada Blackpool figurava como destino favorito de operários:

Multidões de pobres vindos das cidades fabris, convencidos da eficácia dos banhos, que afirmavam que os meses de Agosto e Setembro o mar agia com remédio – um remédio dos mais complexos, com todas as virtudes de todos os medicamentos que se encontram nos médicos e que curam toda espécie de maleitas (CORBIN, 3001, p.40-41)

A cura de doenças diversas pelas águas torna-se motivo de viagens e pessoas de todas as classes se deslocam em busca das águas milagrosas. Um dos maiores centros de peregrinação européia no século XIX, é Lourdes, na França, onde em 1858 aconteceram aparições da Virgem Maria a uma jovem chamada Bernadete. No local das aparições começou a brotar misteriosamente uma fonte que cujas águas tinha a fama de curar doentes. Nesse contexto, quando começam a ser descobertas fontes com propriedades curativas logo surgem pessoas interessadas em experimentar tais águas e o sucesso do tratamento, transforma lugarejos de Minas Gerais em centros urbanos povoados de médicos, charlatões, clínicas, hotéis/casas de repouso, empresas de exploração das águas, etc. Cidades inteiras foram edificadas com a promessa da cura milagrosa. Inicialmente, como nas estâncias européias, são atraídos os indivíduos com maior poder aquisitivo que podiam se deslocar para esses lugares ermos, levando toda a estrutura de conforto possível,

No final do século XVIII e no início do século XIX, o conhecimento sobre as águas era ainda amuitoprecarios. Um bom livro é livro “La medicina curativa, ó La Purgacion”(LE ROY, 1829), do autor Mr. Le Roy, de 1829, é possível observar conceitos populares que eram tidos como verdadeiros, mas que foram refutados a partir de uma nova ótica de conhecimento a respeito do uso das águas em banhos. Para ele, os banhos eram, quase sempre, prejudiciais. Ele defendia a idéia de que eram necessários apenas os banhos de limpeza. O corpo humano não deveria ser deixado em infusão, pois, acreditava-se que assim, haveria a deterioração do mesmo, e o homem passaria a ser classificado na espécie dos anfíbios. Em relação aos banhos quentes, esse autor afirmava também que os mesmos prejudicavam a circulação sanguínea, uma vez que, havia a dilatação dos vasos através do calor da água.

“[...] Se dilatam os vasos pelo calor da água, e depois esta dilatação os dispõe a conter maior quantidade de fluido. O desmaio que muitas pessoas experimentam no banho, provém da afluência do fluido humoral, vindo do interior, o que prejudica a circulação e ameaça interceptá-la. [...]”(LE ROY, 1829: 44)

Para Le Roy, o tratamento alternativo com águas minerais, era visto como uma diversão, e, por ser um meio caro, era indicado apenas aos enfermos ricos, revelando com isso uma elitização do recurso pela medicina no início do século XIX. Com o

avançar do século, as águas minerais caíram no gosto da elite e impulsionou em grande medida o turismo. Cidades/estâncias experimentaram grande desenvolvimento devido ao afluxo de pessoas ansiosas pelo poder de cura das águas, especialmente na forma de banhos.

No século XIX, dava-se o nome de águas minerais àquelas que vertiam da terra, *“carregadas mais ou menos de substancias minerais, e que por causa da sua composição química e temperatura mais ou menos elevada, são empregadas como um importante meio terapêutico”* (LANGGAARD, 1865: p. 50)

No Brasil, a medida que novas fontes eram descobertas e aumentava o afluxo de pessoas nas estâncias, aumentava a preocupação dos médicos. Em terra de poucos médicos, os manuais de medicina eram populares e um deles contém longa explanação sobre as águas. Theodore Langgaard(1865), acreditava que a composição das águas minerais oferecia uma grande variedade, encontrando-se dissolvidas nas diferentes águas minerais todas as matérias que se acham na crosta da terra, tais como diversos metais combinados e diversos elementos, principalmente o cloro, bromo, iodo, enxofre e o oxigênio, e diversos ácidos formando sais, bem como matérias orgânicas em pequena proporção, etc.; sendo, porém o ácido carbônico, que se encontra em quase todas as águas minerais, que, junto com a grande compressão a que estas águas estão expostas antes de vir à superfície da terra, tem uma parte importante na dissolução dos diferentes sais.

Langgaard (1865) divide as águas minerais em três classes principais, fundadas não só na quantidade relativa das substâncias que compõem as águas, como baseadas naquelas matérias que imprimem às mesmas águas a sua qualidade característica, e que justamente é para a medicina a mais importante, segundo o autor. Eram elas: águas salinas e alcalinas, sulfurosas e férreas.

Langgaard(1865, p.51) advertia que, assim como em qualquer outro remédio, para uso das águas é necessária a escolha da qualidade da água e a natureza da moléstia. Para o autor, nesta escolha não se deve considerar apenas os diferentes incômodos e sofrimentos, mas também a constituição, sensibilidade e resistência do doente, a disposição dos órgãos importantes para a caracterização da moléstia, como por exemplo, as congestões, hemorragias, estado erético, etc.

Preocupado com o uso indiscriminado das águas, Langgaard adverte sobre os procedimentos que devem ser seguidos para o uso correto das águas:

“Conforme a circunstância torna-se muitas vezes necessário proceder ao uso das águas minerais um tratamento preparatório, a fim de afastar primeiramente certos incômodos ou disposições nocivas, isto é, preparar os diferentes órgãos ou funções de um modo que os efeitos da água possam manifestar-se com mais segurança e rapidez, administrar, por exemplo, segundo as circunstâncias, algum laxante, vomitório, ordenar mesmo algumas emissões de sangue, etc., acompanhados com uma dieta e regimen apropriados. Finalmente, não se deve perder de vista, na escolha das diferentes águas, o clima do lugar da fonte, a distância, sua freqüência, comodidades, costumes e usos sociais, assim como o caráter e estado moral do doente” (LANGGAARD, 1865: p. 52)

As preocupações de Langgaard com o uso indiscriminado das águas eram procedentes, especialmente em Minas Gerais onde a descoberta de novas fontes era comum desde o século XVIII.

Um bom exemplo é o que acontece em Campos de Caldas, que já tinha relatos sobre os poderes de suas águas hidro-sulfurosas desde 1772. Campos de Caldas era um lugar perdido entre as capitânicas de Minas Gerais e São Paulo, que se transformou com a descoberta de olhos d'água tornando-se um local de disputa entre as duas capitânicas. Em 1833, foi publicado a memória do médico português Manoel da Silveira Rodrigues, que acreditava com sua medicina, que o enxofre gasoso emanado das águas fosse venenoso e por isso necessitava sempre do aval de um médico para seu uso correto. Silveira Rodrigues, provavelmente influenciado pela estrutura de Caldas da Rainha - a mais famosa estância portuguesa apresentava planos para casas de banhos, arruamento, hospedarias, separação das águas, modificação do curso dos ribeirões que cortavam o vale. (MARRAIS, 2004: p.25-30)

Como em Campos de Caldas, que mais tarde passou a se chamar Poços de Caldas, as águas minerais foram muito importantes para a formação e desenvolvimento de muitas cidades mineiras. Para atender a demanda de balneantes, cidades como Poços de Caldas, Araxá, Caxambu, Cambuquira, São Lourenço e Leopoldina tiveram que adequar a sua infra-estrutura, além de terem suas economias impulsionadas pela comercialização das águas minerais.

Em Poços de Caldas, em 11 de novembro de 1870, teve início as obras para a construção do Balneário, o qual visava atender as necessidades dos usuários das águas

termais. Essa obra proporcionou o desenvolvimento da cidade, com a vinda de profissionais engenheiros para a construção, médicos, enfermos e seus acompanhantes. Essa demanda permitiu o crescimento da economia, com o surgimento de pousadas e do grande Hotel, engarrafamento de água para exportação para outros estados e com a cobrança de taxas sobre os banhos, auferindo lucros com a cobrança de *mil réis por banhos desde 23 de novembro de 1882.*” (LEMOS, 1903)

Leopoldina, anteriormente denominada “Feijão Branco”, foi fundada em 1831 pelos primeiros exploradores da região. Em 1854, o nome da cidade passou a ser oficialmente “Leopoldina”, nome que a Assembléia Provincial conferiu em homenagem à princesa brasileira. A cidade de Leopoldina também teve sua economia acelerada com a venda e exportação das águas minerais ali existentes. *“O clima é temperado, existindo no município fonte de água mineral, que além de ser vendida na sede, é exportada para outros centros mais adiantados do País.”* (SILVEIRA: 1926, p.805)

Durante muitos anos o território de Araxá foi alvo de diversas disputas entre os governos de Goiás e Minas Gerais. No princípio o município localizava-se dentro dos limites estaduais de Goiás. Até que em 4 de Abril de 1816, a cidade passou definitivamente para o estado de Minas Gerais. Um dos motivos de disputa entre goianos e mineiros era o direito de posse das fontes de águas minerais, que eram usadas inicialmente como simples bebedouro para os animais.

“O que despertava tanta cobiça nos entrantes eram as águas minerais, consideradas um patrimônio público onde todos os criadores levavam os gados a saciarem-se. Esta facilidade para os criadores muito contribuiu para a fortuna dos nossos antepassados.” (SILVEIRA, 1926: 778)

Consta no histórico da cidade que os primeiros índios desbravadores dessa região estabeleceram-se próximos às fontes de águas minerais, dando origem à povoação de Araxá, na época chamada de Uberabinha, devido a existência de fontes de águas minerais em seu território, uma vez que na linguagem indígena, o nome Uberaba significa “água clara”, “água límpida”, “água que brilha”.

Cambuquira, teve sua origem na fazenda “Boa Vista”, uma grande propriedade que pertencia a três irmãs que não se casaram: Ana, Francisca e Joana da Silva Goulart. Com o falecimento das três irmãs proprietárias, a parte central da fazenda, que lhes

pertencia, foi legada em testamento a diversos pretos, antigos escravos da família Silva Goulart, e o restante a José e Manoel Martins Ribeiro. Os pretos fazendeiros, porém, temendo a perda do valioso patrimônio, num instinto de defesa e conservação da propriedade, começaram a criar obstáculos à intromissão de forasteiros que, chegavam na região atraídos pelas notícias sobre as miraculosas virtudes das águas que brotavam na região. Assim acontecendo, a Câmara Municipal de Campanha considerou a propriedade de utilidade pública, opinando pela sua desapropriação. A desapropriação se procedeu em 1861, pela importância de oitocentos mil réis, (FERREIRA, 1958, Pág. 293)

Como se vê nos relatos acima, as águas minerais atraem não só doentes, mas a atenção dos governos que passam a ver nelas uma grande oportunidade política e econômica. Em vários documentos de caráter oficial dos fundos da Secretaria do Governo da Província de Minas Gerais, datados do ano de 1874, apresentam declarações de usuários de balneários, balneantes, que foram curados de diferentes moléstias. Espalhando a fama da eficácia das águas no combate das seguintes doenças: hemorragia nasal, feridas crônicas, epilepsia, incômodos sífilíticos, cegueira e dificuldade de locomoção. Segundo os relatos, as águas eram usadas tanto externa quanto internamente, sem, até então, nenhuma comprovação científica que explicasse a eficiência de tais métodos.

“D. Mariana Alves Ferreira, mulher do Senhor José Francisco de Menezes, achando-se a sofrer uma hemorragia nasal, e fazendo uso das águas sarou perfeitamente.”

“Uma filha do Senhor Manoel Elias Ferreira afectada de incômodos sífilicos há tempos, e fazendo uso interno e externo das águas obteve saras dessa enfermidade em cinco dias”.

“A Senhora Maria Moreira entrevada e em estado de não parar no estomago alimento algum, obteve completa cura de ambos os sofrimentos.”
(SG 529, doc 201).

O poder curativo das águas era tamanho que com frequência aparecia o adjetivo “virtuosa” mesmo nos documentos oficiais:

“Ilmo. e Exmo. Senhor Presidente da Província de Minas,

Cumprindo o recomendado no ofício de Vossa Excelência, datado de 2 do corrente mês, cumpre-me prestar as informações exigidas a cerca das águas virtuosas descobertas a duas léguas de distância desta cidade, e informando a respeito passo a declarar que é exacto e verídico o que se diz sobre a sua descoberta e sobre os prodígios experimentados por vários indivíduos que fizeram uso das mesmas em diferentes enfermidades, e que se acham perfeitamente sãos e estabelecidos [...]” Cidade de Tamanduá, 21 de Julho de 1874 Vice Presidente da Camara. (SG 529, doc 201)

As curas milagrosas se avolumavam como no relato do médico Pedro Sanches de Lemos, célebre pesquisador das águas de Minas, para o nome das fontes termais de Poços de Caldas. *“Parece averiguado, por outro lado, que a denominação Mariquinhas comemora o nome de uma doente, que, vindo entrevada para os Poços, curou-se com os banhos da fonte, a qual até hoje conserva o seu nome.”* (LEMOS, 1904)

Nas cidades onde os exames químicos eram confirmados, como no caso de Poços de Caldas,³ que desde 1815 tinha relatos de cura do reumatismo ligado as suas águas. Com a divulgação das curas, a cidade precisou se preparar para receber as pessoas que chegavam a cidade em busca de cura. Sem hospitais ou edifícios públicos para atender a todos, proliferaram os hotéis e casas para alugar, conforme relata Pedro Lemos em 1896:.

“Poços de Caldas é uma estância balneária de primeira ordem, freqüentada anualmente por mais de 2.000 pessoas e aqui tem vindo parar tudo que a pátria possui de mais notável na política, na ciência, na literatura, na arte, na indústria, no comércio e na agricultura. É, pois necessário que a nossa terra seja digna de nós e digna daqueles que a visitam anualmente, e ela não o será enquanto não tiver higiene, isto é, asseio, porque a limpeza é a própria civilização; o asseio é a ordem, o método, a economia, a beleza, a saúde, a moralidade e os bons costumes. Felizmente, a nossa municipalidade, que está sob a direção de um homem superior, compreende tudo isto e já meteu mãos à obra, de modo que esta terra seja limpa, livre de outras moléstias que não as agudas do aparelho respiratório, as quais são próprias dos climas de altura como o nosso”. (LEMOS, 1896. P. 196-223)

Pedro Lemos chamava atenção para um fator que importante as aguas trouxeram novas perspectivas econômicas, mas as carências urbanas eram acentuadas, como a falta de saneamento urbano. Na cidade quase tudo estava por fazer: ruas e praças eram

³ O Nome Poços de Caldas, é uma analogia as águas termais de Caldas da Rainha em Portugal

deficientes, não existia serviço de águas e de esgotos; não existia iluminação pública e nem edifícios públicos adequados. Levando em consideração que Poços de Caldas era uma das estâncias hidrominerais mais afamadas, é desse supor que essa precariedade atingisse as demais cidades com fontes de águas minerais.

As curas se davam pelos banhos e pela ingestão das águas. Para Langgaard, as águas minerais podiam ser empregadas: como bebidas, emborçações (derramamento de um líquido medicamentoso na parte enferma de um corpo), banhos e vapores, e às vezes todas as diferentes maneiras ao mesmo tempo. A porção da água e o tempo do seu uso variam segundo as circunstâncias, porém convém sempre principiar com doses pequenas, isto é, com 4 até 6 copos, devendo não demorar-se mais do que dez até vinte minutos no banho, principalmente sendo frio ou muito quente. Deve-se seguir um certo método no seu uso, bebe-se pela manhã e em jejum, e só por exceção de regra depois do almoço, por exemplo, quando os doentes são muito débeis e delicados, e têm um estômago fraco.

“A água bebe-se ao pé da fonte, apanhando-se no momento que sai da terra, faz-se logo depois um exercício moderado, seguindo-se então o almoço, mais tarde toma-se o banho, e de noite bebe-se uma nova porção de água. Tudo isto deve, porém ser acompanhado de uma alimentação simples e frugal, e de um regimen conveniente. Progressivamente, vai-se aumentando a porção d’água, até beber-se 10 ou 20 copos por dia, evitando sempre de sobrecarregar o estômago, e em consequência disso mais tarde a pele, rins e pulmões. Depois vai-se diminuindo gradualmente a quantidade de água, terminando com poucos copos por dia”.
(LANGGAARD, 1865, 52)

Nas cidades onde os exames químicas eram confirmados, como no caso de Poços de Caldas,⁴ que desde 1815 tinha relatos de cura do reumatismo ligado as suas águas. Com a divulgação das curas, a cidade precisou se preparar para receber as pessoas que chegavam a cidade em busca de cura. Sem hospitais ou edifícios públicos para atender a todos, proliferaram os hotéis e casas para alugar, conforme relata Pedro Lemos em 1896:

“Poços de Caldas é uma estância balneária de primeira ordem, freqüentada anualmente por mais de 2.000 pessoas e aqui tem vindo

⁴ O Nome Poços de Caldas, é uma analogia as águas termais de Caldas da Rainha em Portugal

parar tudo que a pátria possui de mais notável na política, na ciência, na literatura, na arte, na indústria, no comércio e na agricultura. É, pois necessário que a nossa terra seja digna de nós e digna daqueles que a visitam anualmente, e ela não o será enquanto não tiver higiene, isto é, asseio, porque a limpeza é a própria civilização; o asseio é a ordem, o método, a economia, a beleza, a saúde, a moralidade e os bons costumes. Felizmente, a nossa municipalidade, que está sob a direção de um homem superior, compreende tudo isto e já meteu mãos à obra, de modo que esta terra seja limpa, livre de outras moléstias que não as agudas do aparelho respiratório, as quais são próprias dos climas de altura como o nosso”. (LEMOS, 1896, p. 220)

Pedro Lemos chamava atenção para um fator que importante as águas trouxeram novas perspectivas econômicas, mas as carências urbanas eram acentuadas, como a falta de saneamento urbano. Na cidade quase tudo estava por fazer: ruas e praças eram deficientes, não existia serviço de águas e de esgotos; não existia iluminação pública e nem edifícios públicos adequados. Levando em consideração que Poços de Caldas era uma das estâncias hidrominerais mais afamadas, é desse supor que essa precariedade atingisse as demais cidades com fontes de águas minerais.

Não foram encontrados relatos que detalhem os tratamentos, não sendo possível saber se as recomendações de Langgaard eram seguidas. No século XX era freqüente a presença de médicos nas estâncias hidrominerais, mas no século XIX, provavelmente eles eram escassos e a ação de charlatões era maior, ou mesmo, o que era mais freqüente, as pessoas que se dirigiam ao local sem acompanhamento e faziam uso indiscriminado das águas, fruto das poucas contra-indicações da época. A falta de estudos mais específicos dificultava a indicação correta das águas, mas já se sabia de alguns casos onde elas não tinha eficácia alguma.

“A respeito das contra-indicações das águas minerais pouco se pode dizer em regra geral. Raras vezes se prestam nas moléstias agudas e de uma marcha rápida, tão pouco nos doentes fracos e exauridos de forças, em um estado hectico e próximo à morte, são também contra-indicadas na idade muito avançada, e enfim na velhice. Nos tísicos, e nas afecções tuberculosas, e cancros em partes importantes, e muito principalmente nos períodos mais adiantados, nenhum benefício se pode esperar das águas minerais. Em todas as afecções orgânicas do coração e vasos grandes, nos aneurismas, havendo disposição para as chamadas hemorragias ativas, muito principalmente dos pulmões, e para apoplexia (afecção cerebral que surge inesperadamente, acompanhada de privação do uso dos sentidos e ou

de suspensão do movimento), ou tendo já havido algum destes ataques, não se deve usar as águas termais, férreas ou acidulas, que contêm muito ácido carbônico, enquanto que as águas simplesmente salinas ou purgativas podem ser de alguma utilidade naqueles incômodos”. (LANGGAARD: 1865: p. 53)

Segundo o autor, frequentemente torna-se necessário continuar com um tratamento diferente, depois de acabado o uso das águas minerais, e muitos doentes deixam as águas esperando que o seu efeito salutar se manifeste mais tarde. Essa esperança de cura, definia o retorno e consolidou uma prática de viagens periódicas a essas estâncias buscando alívio e cura de seus males. Esse fluxo até hoje é percebido, pois todas essas cidades são consideradas turísticas e conta com grande afluxo de pessoas que retornam sempre para continuar seus tratamentos.

No século XX, Minas Gerais já se destacava no cenário nacional pelas suas estâncias hidrominerais e cada vez mais interessado no potencial econômico da exploração desse recurso, o governo do estado, criou o Laboratório de Análises Químicas, que entre outras atribuições se dedicava a análise das águas minerais. O conhecimento científico mais apurado sobre as águas minerais fica evidente pelos estudos realizados pelo químico alemão Alfred Schaeffer, contratado na Alemanha, o maior pólo produtor de conhecimento químico da época. A História de Schaeffer merece um capítulo a parte, mas o que interessa é que nos séculos XIX, o governo começou a se interessar economicamente pelas águas que brotava das entranhas da Província e rapidamente geravam riquezas e desenvolvimento da região.

Referência Bibliográfica:

ALFONSO – GOLDFARB, Ana Maria. Viajeros y estudiosos de tierras brasileñas y aguas minerales in: PASTRANA, Patrícia Aceves (Editora). *Las Ciencias Químicas y Biológicas en la Formación de un Mundo Nuevo*. Estudios de historia social de las ciencias químicas y biológicas, nº 2. Mexico: Universidade Autónoma Metropolitana, 1995 -

CARVALHO, Augusto de Silva. , “A prodigiosa lagoa e seu autor, em [anônimo] Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expoem. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

CORBIN, Alain. *A História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001

DECRETO n.º 3661, Aprova o regulamento das estações hidro-minerais do Estado, *Minas Geraes* .- Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes, de 10 de agosto de 1912.

FERREIRA, Jurandyr Pires (Presidente do IBGE). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Minas Gerais*. Volume XXIV. Rio de Janeiro. 1958. Publicação comemorativa do 2º aniversário do Governo do Presidente Juscelino Kubitscheck de Oliveira, em 31 de Janeiro de 1958

LANGGAARD, Theodoro J. H. *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*. Rio de Janeiro, 1865. Três volumes – ilustrado com 236 figuras.

LE ROY. *La medicina curativa, o la purgacion*. Madrid, 1829

LEMOS, Pedro Sanches. *Agua Termas de Poços de Caldas*, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1904.

LEMOS, Pedro Sanches de. Chorografia Mineira. *Revista do Arquivo Público Mineiro. Ano I – Fascículo 2º - Abril a Junho de 1896*. Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1896. P. 196-223

MACHILINI, Vera.C. BELTRAN, Maria .Helena.Roxo. Un relato del siglo XVIII sobre águas minerais. PASTRANA, Patrícia Aceves (Editora). *Las Ciencias Químicas y Biológicas en la Formación de um Mundo Nuevo*. Estudios de historia social de las ciencias químicas y biológicas, nº 2. Mexico: Universidade Autónoma Metropolitana, 1995 -

MARQUES, Rita de Cássia. A saúde na terra dos bons ares, poucos médicos e muita fé. In:RESENDE, Maria Efigênia Lage e VILLALTA, Luiz Carlos(orgs.) *História de Minas Gerais: as Minas setecentas 2*. Belo Horizonte: Companhia do Tempo, 2007

MARRAS, Stelio. *A propósito das águas virtuosas: formação e ocorrência de uma estação balneária no Brasil*. Belo Horizonte: Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Revista do Arquivo Público Mineiro Ano IX – Fascículos III e IV – Julho a Dezembro de 1904. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais (1904).

SILVEIRA, Victor. (Organizador e Editor). *Minas Gerais – 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1926. Obra subvencionada pelo Governo do Estado com a autorização do Congresso Mineiro.